

---

**'NATUREZA NA PELE': A IMPORTÂNCIA DAS NARRATIVAS EM UM CONTEXTO DE EDUCAÇÃO MUSEAL ONLINE E POPULARIZAÇÃO DAS CIÊNCIAS**

---

**'NATURE ON SKIN': THE IMPORTANCE OF NARRATIVES IN A CONTEXT OF ONLINE MUSEUM EDUCATION AND POPULARIZATION OF SCIENCE**

---

**'LA NATURALEZA EN LA PIEL': LA IMPORTANCIA DE LAS NARRATIVAS EN UN CONTEXTO DE EDUCACIÓN MUSEAL EN LÍNEA Y POPULARIZACIÓN DE LA CIENCIA**

---

Frieda Maria Marti<sup>1</sup>  
Carolina Braga<sup>2</sup>  
Fernanda Monteiro<sup>3</sup>  
Andréa Fernandes Costa<sup>4</sup>

**RESUMO**

A pandemia de COVID-19 impôs uma série de desafios ao campo museal e a seus profissionais. Estes voltaram a sua atenção para as tecnologias digitais em rede (TDR) para continuarem a manter contato com seus públicos. Este artigo tem como objetivo apresentar e narrar duas ações educativas museais online que integraram o eixo temático nomeado 'Natureza na Pele', como parte do projeto 'Mediação Museal Online: Museu Nacional e Popularização da Ciência nas Redes'. A heterogeneidade de sentidos e '*conhecimentossignificações*' emergentes nas narrativas e imagens põe em evidência a importância do resgate e visibilização das muitas experiências e conhecimentos de nossos praticantes, e revela as vivências e experiências singulares de cada praticante nas/com múltiplas redes educativas que habitam e nas quais circulam diversos tipos de conhecimentos, entre esses, o conhecimento científico, que, portanto, não se configura como uma prática isolada das demais práticas sociais e conhecimentos. Como educadore/as museais devemos, portanto, continuar nossa caminhada dialogando com as noções de popularização da ciência, da Educação Museal Online e da Educação Museal, uma vez que essas estão fundadas na criação de ambiências conversacionais, colaborativas e coautorais em interatividade, visando à formação crítica e emancipatória dos sujeitos e à transformação social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Museal Online. Popularização da Ciência. Pandemia. Tatuagem. SAE.

---

**Submetido em:** 15/03/2022 – **Aceito em:** 04/08/2022 – **Publicado em:** 23/09/2022

<sup>1</sup> Doutora em Educação pelo PROPED/UERJ; Educadora Museal e Pesquisadora bolsista PCI da Coordenação de Educação e Popularização da Ciência do Museu de Astronomia e Ciências Afins (COEDU/MAST); Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (GPDOC/UFRRJ); Profa Colaboradora Seção de Assistência ao Ensino, Museu Nacional (SAE/MN)

<sup>2</sup> Licencianda em Ciências Biológicas UFRJ; Bolsista do Projeto 'Mediação Museal Online: Museu Nacional e Popularização da Ciência nas Redes' (SAE/MN, SIMAP/UFRJ)

<sup>3</sup> Licencianda em História, UFRJ; Bolsista do Projeto 'Mediação Museal Online: Museu Nacional e Popularização da Ciência nas Redes' (SAE/MN, SIMAP/UFRJ)

<sup>4</sup> Doutora em Educação pelo PPGEdu/UNIRIO; Educadora Museal da Seção de Assistência ao Ensino do Museu Nacional (MN/UFRJ); Professora do Departamento de Estudos e Processos Museológicos e da Escola de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

**ABSTRACT**

The COVID-19 pandemic has imposed a series of challenges on the museum field and its professionals. These turned their attention to the networked digital technologies (NDT) to be able to continue to stay in touch with their audiences. This article aims to present and narrate two online museum educational activities that integrated the thematic axis named 'Nature on Skin', which was part of the project 'Online Museum Mediation: The National Museum and Popularization of Science Online'. The heterogeneity of senses and 'knowledge-meanings' emerging in the narratives and images reinforces the importance of rescuing and making visible the many experiences and knowledge of our audiences, and revealing the unique experiences and experiences of each visitor in/with the multiple educational networks that we inhabit and in which different types of knowledge circulate, among these, scientific knowledge, which, therefore, cannot be configured as a practice that is isolated from other social practices and knowledge. As museum educators, we must, therefore, continue our journey by establishing dialogues with the notions of popularization of science, Online Museum Education and Museum Education, since these are founded on the creation of conversational, collaborative, and co-authorial environments in interactivity, aiming at the critical and emancipatory development of the self and transformation of our society.

**KEYWORDS:** Online Museum Education. Popularization of Science. Pandemic. Tattoo. SAE.

**RESUMEN**

La pandemia del COVID-19 ha impuesto una serie de retos al ámbito museal y a sus profesionales. Los llevó a repensar las tecnologías digitales en red (TDR) para seguir estando en contacto con sus audiencias. Este artículo tiene como objetivo presentar y narrar dos acciones educativas museales en línea que integraron el eje temático denominado 'La Naturaleza en la Piel', como parte del proyecto 'Mediación Museal en Línea: Museo Nacional y Divulgación de la Ciencia en Redes'. La heterogeneidad de significados y 'conocimientos-significados' que emergen en las narrativas e imágenes refuerza la importancia de rescatar y hacer visibles las múltiples experiencias y conocimientos de nuestros practicantes, y revelar las experiencias únicas y experiencias de cada practicante en/con múltiples redes educativas que habitan y en las que circulan diferentes tipos de saberes, entre estos, el científico, que, por tanto, no se configura como una práctica aislada de otras prácticas y saberes sociales. Como educadores de museos, debemos, por lo tanto, continuar nuestro camino dialogando con las nociones de divulgación de la ciencia, Educación en museos en línea y Educación en museos, ya que estos se basan en la creación de entornos conversacionales, colaborativos y coautores en interactividad, con el objetivo de la formación crítica y emancipatoria de los sujetos y la transformación social.

**PALABRAS CLAVE:** Educación Museal En Línea. Popularización de la Ciencia. Pandemia. Tatuaje. SAE.

**INTRODUÇÃO**

No meio museal, a pandemia de COVID-19 provocou o fechamento dos museus à visitação pública, causou demissões e despertou uma série de dúvidas acerca da sustentabilidade financeira dessas instituições ao redor do mundo. Nesse contexto, esses equipamentos culturais precisaram voltar a sua atenção para as tecnologias digitais em rede (TDR), lançando mão de uma série de estratégias online para manterem contato com seus públicos.

No Brasil, durante o primeiro ano da pandemia, alguns profissionais sinalizaram que a exclusão digital poderia impor limites à atuação dos museus no ciberespaço, enquanto outros pareciam temer que as ações online pusessem em risco a experiência museal geograficamente localizada.

Entretanto, pela internet ou não, o acesso dos brasileiros aos museus é bastante limitado. Estudos mostram que 70% da população brasileira é usuária de internet, sendo o tempo médio de conexão (com diferentes dispositivos) de 9h29min/dia (GLOBAL DIGITAL REPORT, 2019). No entanto, poucos acessam exposições ou museus online -11% dos usuários de internet no Brasil, (LEIVA; MEIRELLES, 2019) e quem mais acessa a internet é também quem mais visita museus fora dela (JLEIVA CULTURA & ESPORTE, 2018).

Deste modo, para além dos desafios impostos pela pandemia, fica evidente a relevância dos museus se presentificarem na internet, buscando construir conhecimentos e estratégias que permitam que estes se conectem com diferentes públicos, inclusive com pessoas que não visitam os museus geograficamente localizados, mas que habitam múltiplos *'espaçostempos'*<sup>5</sup> online.

A Seção de Assistência ao Ensino do Museu Nacional (SAE/MN), primeiro e mais antigo setor educativo de um museu no Brasil, vem se presentificando nas redes sociais online desde 2012 por meio de seu blog e páginas no Facebook e Instagram. Inicialmente destinadas à divulgação da ciência e de informações relativas a eventos, cursos de formação e ações educativas museais presenciais, a partir de 2018 as redes sociais do setor passaram a ser utilizadas como *'espaçostempos'* educativos e de popularização da ciência no contexto da Educação Museal Online (MARTI; SANTOS, 2019; MARTI; COSTA, 2020; MARTI, 2021).

Germano e Kulezca (2007) compreendem a popularização da ciência como acionamento da participação popular por meio de diálogos com os movimentos sociais a fim de converter tal produção de conhecimento “ao serviço e às causas das maiorias e minorias oprimidas numa ação cultural que, referenciada na dimensão reflexiva da comunicação e no diálogo entre diferentes, oriente suas ações respeitando a vida cotidiana e o universo simbólico do outro” (2007, p. 21).

Segundo os autores, esta participação popular se estabelece por meio de uma comunicação dialógica que possibilita a tessitura entre o conhecimento científico e outros tipos de conhecimentos.

É baseado nos requisitos existenciais de uma comunicação dialógica, que acreditamos ser possível trabalhar com o povo questões de ciência e tecnologia, sem necessariamente ficar contra ele. Estabelecer um diálogo em torno de questões simples de seu cotidiano, até avançar para uma compreensão metódica e mais elaborada da realidade. Mas, sobretudo, lembrar que o diálogo verdadeiro não pode

---

<sup>5</sup> Segundo Alves (2019), para aqueles que pesquisam nos/com os cotidianos a Ciência Moderna impõe limites ao que é necessário ser criado para compreensão da tessitura de *'conhecimentossignificações'* que emergem nas múltiplas redes educativas que formamos e que nos formam. Portanto, a autora prefere escrever as palavras juntas, em itálico e entre aspas simples, mostrando os limites e modos hegemônicos dessa herança de pensar e escrever, e indicando outros modos de *'praticasteorias'*.

ser construído em via de mão única e que, embora se constitua um desafio maior, é imprescindível resgatar muitas experiências e conhecimentos de senso comum, dando visibilidade a uma infinidade de saberes que, por simples preconceito, não encontram lugar nos museus de ciências, nas escolas, nem muito menos na academia. (GERMANO; KULESZA, 2007, p. 21)

Em sintonia com esta compreensão de popularização da ciência e com a noção e abordagem didático-pedagógica da Educação Museal Online (EMO), este artigo tem como objetivo apresentar e narrar duas ações educativas museais online que integraram o eixo temático nomeado 'Natureza na Pele', destacando os múltiplos sentidos e '*conhecimentossignificações*' emergentes nas narrativas e imagens produzidas e compartilhadas pelos praticantes<sup>6</sup>/seguidores/visitantes online da SAE nessas ações sobre tatuagens de animais e plantas. Essas ações fazem parte do projeto 'Mediação Museal Online: Museu Nacional e Popularização da Ciência nas Redes' da SAE (MN/UFRJ), que apresentaremos adiante.

Entendemos as narrativas e imagens emergentes nas/com as ações educativas museais online como nossos personagens conceituais, pois Alves e colaboradores nos ensinam que

[...] os "personagens conceituais" poderiam ser figuras, argumentos ou artefatos que nas pesquisas que desenvolvemos aparecem com aquilo/aquele com que se "conversa", permanecendo por muito tempo conosco para que possamos pensar e articular idéias, formando os *conhecimentossignificações* possíveis aos processos de pesquisa que desenvolvemos.

Assim, fomos percebendo que, nas *pesquisas nos/dos/ com os cotidianos*, as narrativas (e sons de diversos tipos) e as imagens dos *praticantespensantes* dos *espaçostempos* que pesquisávamos eram "*personagens conceituais*". Com eles, então, conversamos longo tempo, e vamos formulando modos de fazer e pensar nas pesquisas que desenvolvemos. (ALVES et al., 2016, p. 28, grifos dos autores)

Considerando as potencialidades dessas narrativas e imagens para a pesquisa, e atentando para as questões éticas e jurídicas relativas à captura de dados na internet, optamos por ocultar as imagens de perfil e os nomes dos praticantes/seguidores/visitantes online, ou apenas colocar suas iniciais, resguardando, assim, a preservação da respeitabilidade, privacidade e honra do sujeito, conforme citado na Constituição Federal da República de 1988 e no Código Civil Nacional de 2002 no que tange ao direito de imagem.

## **A EDUCAÇÃO MUSEAL ONLINE (EMO) E O PROJETO 'MEDIÇÃO MUSEAL ONLINE'**

A pandemia desvelou nossa intrínseca relação com o digital em rede e seus atravessamentos

---

<sup>6</sup> Praticantes culturais ou 'praticantes', termo concebido por Certeau (2014), é referente àqueles que vivem e se envolvem dialogicamente com as práticas do cotidiano. Consideramos como seguidores/visitantes online os públicos da SAE que nos seguem nas redes sociais do setor e/ou aqueles que participaram das ações educativas museais online aqui apresentadas. Portanto, em nosso texto, optamos por nomear esse público participante ora como praticante ou seguidores/visitantes online.

em nossos cotidianos. O intenso desenvolvimento das tecnologias digitais em rede (TDR) e as múltiplas relações e usos que estabelecemos e fazemos das/com as mesmas – intencionalmente ou não – vêm transformando nossos modos de ser, estar e sentir o mundo. Esse cenário sociotécnico e comunicacional é a cibercultura, que é a cultura contemporânea mediada e estruturada pelas TDR na relação cidade-ciberespaço.

As redes humanas e não humanas formadas a partir do advento da internet permitem a configuração e a reconfiguração de novos '*espaçostempos*' de interação e de '*aprendizagemensino*'.

Com a emergência da “sociedade em rede”, novos espaços digitais e virtuais de aprendizagem vêm se estabelecendo a partir do acesso e do uso criativo das novas tecnologias da comunicação e da informação. Novas relações com o saber vão-se instituindo num processo híbrido entre o homem e a máquina, tecendo teias complexas de relacionamentos com o mundo. (SANTOS, E., 2011, p. 28, grifo da autora)

Neste contexto, a Educação Museal Online (EMO) emerge como noção e abordagem didático-pedagógica da Educação Museal na/com a cibercultura.

Pressupõe a compreensão dos museus, e de suas diversas presentificações online, como redes educativas e espaços multirreferenciais de aprendizagem<sup>7</sup>, e tem como centralidade de suas ações educativas, o acionamento de conversas/diálogos e emoções. Essas ambiências conversacionais ‘emocionadas e emocionantes’ são engendradas pela mediação museal online, fomentando a participação ativa, colaborativa e coautoral com/entre/dos públicos seguidores e públicos não habituais de museus, assim como o estabelecimento e/ou estreitamento de vínculos afetivos com/entre os mesmos e com os educadores museais (MARTI, 2021, p. 252).

Nesse sentido é imprescindível a atuação de mediadores que acionem e promovam a criação e a socialização de conhecimentos, aprendizagens, emoções, inquietações, invenções em interatividade e em um ambiente em que múltiplas relações (intelectuais, cognitivas,

---

<sup>7</sup> A noção de redes educativas é cunhada a partir dos esforços de Alves (2002, 2008, 2019) em compreender produção/criação de conhecimentos para além da compreensão hegemônica da ciência moderna que estabelece uma produção de conhecimento linear, hierarquizada e fundada em disciplinas teóricas em detrimento das práticas. De acordo com a autora, habitamos diversas redes de ‘conhecimentossignificações’ (redes educativas) onde ensinamos e aprendemos, formamos e nos formamos um com o outro, como docentes, “cidadãos, trabalhadores, seres políticos, sociais e históricos’ (ALVES, 2019, p.115). Essas redes educativas, que têm um desenvolvimento rizomático (Deleuze e Guattari, 1995) “são espaçostempos de reprodução, transmissão e criação de práticas teóricas que se articulam, permanentemente, embora com intensidades e sentidos diversos, dependendo da ocasião, do lugar, dos praticantes pensantes envolvidos e das ações que desenvolvem, do acaso... Todos nós, nesses diferentes espaçostempos, somos ‘marcados’ pelas relações que mantemos com muitos outros praticantes pensantes em múltiplos e complexos mundos culturais”. (ALVES, 2019, p.115) Santos, E. (2010, p. 34) afirma que “os espaços multirreferenciais são todos os espaços onde seres humanos ensinam e aprendem, onde tecem a autoria de suas produções e têm autonomia coletiva para compreender o significado de sua participação na sociedade”.

psicossociais, culturais, históricas etc.) são tecidas em horizontalidade. O uso das tecnologias digitais em rede se insere nesse contexto como meio e interfaces/dispositivos culturais da contemporaneidade que potencializam essas criações, partilhas e trocas (MARTI, 2021).

O projeto ‘Mediação Museal Online’ surge diante das potencialidades da EMO para a promoção de conversas entre o museu e seus seguidores/visitantes online, assim como da necessidade de formação de educadores museais diante dos desafios impostos pela pandemia, relacionados à compreensão acerca do contexto sociotécnico, comunicacional e educacional contemporâneo e da diversidade de usos do digital em rede para *‘fazerpensar’* ações educativas museais online e de popularização da ciência.

Contemplado pelo ‘Edital 01/2021 – Mediadores SIMAP’ do Programa de Bolsas SIMAP 2021-2022, e iniciado em maio de 2021, o projeto tem como objetivos: (a) conceber, implementar e avaliar ações de popularização das ciências no Facebook e Instagram da SAE que lancem mão da mediação museal online para fomentar a participação ativa, dialógica e coautoral dos públicos seguidores; (b) contribuir para a formação inicial de educadores/mediadores no contexto da Cibercultura, Educação Museal Online e Popularização Online da Ciência.

## **O EIXO TEMÁTICO ‘NATUREZA NA PELE’ E SUAS AÇÕES EDUCATIVAS MUSEAIS ONLINE**

No contexto das reuniões online do projeto ‘Mediação Museal Online’ – nossos momentos de planejamento e de formação – convidamos o mestre em zoologia Hugo Moleiro para conversar conosco sobre Entomologia Cultural. Com base na sua pesquisa de mestrado, Hugo nos apresentou aspectos muito interessantes e relevantes sobre as representações simbólicas de animais - especialmente os insetos - nas artes plásticas. Durante esse encontro, a equipe do projeto foi introduzida ao estudo de Monserrat (2010) que evidencia a forte presença dos artrópodes em tatuagens, bem como outros animais representados em adornos e pinturas corporais ao longo da história humana.

Essa reunião online deu origem ao eixo temático ‘Natureza na Pele’ e as suas ações educativas museais online que buscavam compreender e discutir como os animais e plantas são significados e representados nas tatuagens de nossos praticantes. A partir de um levantamento de datas comemorativas e feriados nacionais, identificamos o dia 20 de julho como o Dia do Tatuador, selecionando o referido mês como o período ideal para a realização das ações educativas museais online do eixo temático.

Demos início às ações por meio de uma publicação no Instagram e Facebook do setor que fazia

um convite aos seguidores/visitantes para que compartilhassem imagens de suas tatuagens de animais e/ou plantas, bem como as histórias, experiências, sentidos e ‘*conhecimentossignificações*’ atribuídos às mesmas em um mural colaborativo criado no Padlet<sup>8</sup>.

Esta primeira publicação nas redes sociais digitais da SAE gerou a mobilização de nossos seguidores/visitantes online que demonstraram o interesse em participar, divulgaram a ação para outras pessoas, assim como chamaram a atenção para possibilidade de promoção do trabalho de tatuadores (Figura 1).



**Figura 1.** Publicação apresentando a primeira ação do Natureza na Pele  
Fonte: Instagram da SAE

### *O Padlet como interface para ações educativas museais online*

Nossa escolha pelo Padlet, se deveu a sua grande potencialidade para a realização de atividades colaborativas, interativas e autorais. Essa plataforma online permite a criação de perfis temáticos com quadros em diferentes layouts. Esses quadros podem ser organizados como: mural, tela, lista, grade, conversa, mapa ou linha do tempo. Dependendo de sua configuração, vários usuários podem contribuir compartilhando/publicando diferentes tipos de conteúdo. Quando o usuário possui conta na plataforma, seu nome aparece em sua publicação. Caso contrário, a publicação é nomeada como ‘Anônimo’. Os conteúdos publicados no mural podem ser no formato de vídeo, áudio, texto, sendo também possível fazer o upload de diversos tipos de arquivos (.pdf, .doc, etc), além de compartilhar links e localização geográfica. Cada publicação no quadro pode ser comentada e/ou curtida por outros usuários e, além desses recursos, a plataforma também permite a busca de conteúdos em gifs, links, imagens e pesquisas no YouTube, Spotify e na internet.

<sup>8</sup> Mural colaborativo online ‘Natureza na Pele’ - <https://padlet.com/mediacaomusealonline/6x1h7gpfsb5m4ihl>

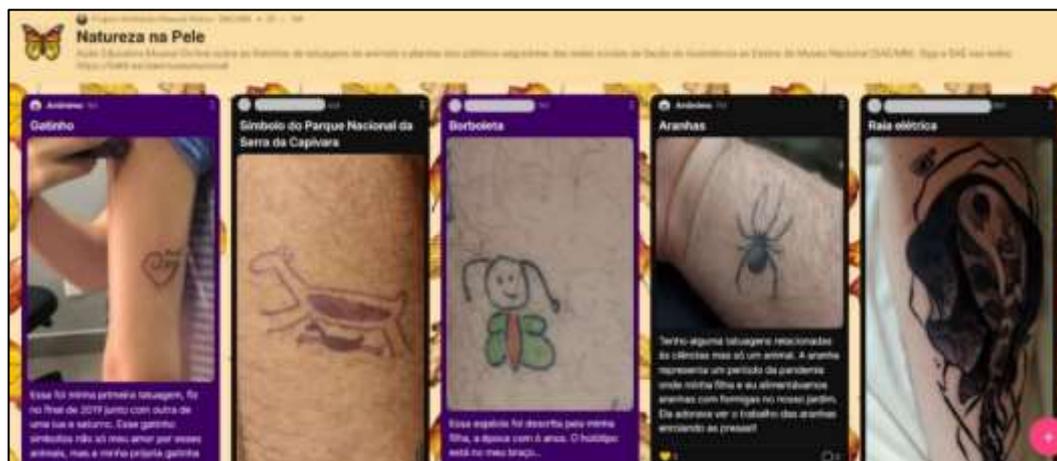
Após as primeiras publicações no mural do Padlet, realizamos uma segunda postagem nas redes sociais da SAE, mostrando algumas das imagens de tatuagens já compartilhadas a fim de convocar e estimular ainda mais a participação de nossos seguidores/visitantes online (Figura 2).



**Figura 2.** Convocando a participação dos seguidores/visitantes online da SAE

Fonte: Instagram da SAE

De acordo com os dados estatísticos fornecidos pela plataforma foram realizadas 35 publicações e 21 comentários, bem como 206 reações no mural 'Natureza na Pele'. Os seguidores/visitantes online da SAE compartilharam fotografias e narrativas sobre suas tatuagens (Figura 3) que evidenciaram a pluralidade de histórias, '*conhecimentossignificações*', sentidos e símbolos que permeiam a relação entre o ser humano e outros seres vivos.



**Figura 3.** Mural 'Natureza na Pele'

Fonte: Padlet do projeto Mediação Museal Online

Entretanto, foi interessante perceber que nessa multiplicidade houve também semelhanças em termos de ‘assuntos/temáticas/significações’ atribuídos às tatuagens. Em algumas narrativas, as tatuagens foram associadas a registros de memória de ‘*espaçostempos*’ diversos, como na publicação de ‘PD’ que relata que sua tatuagem - uma pintura rupestre de dois cervídeos - representa o símbolo do Parque Nacional da Serra da Capivara, e a sucuri que a praticante ‘MS’ tatuou ao retornar de sua viagem à Amazônia (Figura 4), ou como na história contada por uma outra praticante (‘Anônimo’) que nos explica o motivo de sua tatuagem ser uma flor de hibisco: *“Todo ano vou à ilha de Boipeba que é meu lugar preferido no mundo. A ilha é toda cercada de hibiscos e tem um caminho para umas das praias que é todo um túnel de hibiscos. Na minha última ida à ilha, conheci um tatuador local que usava a técnica de handpoke. Pedi para ele uma flor de hibisco para eternizar em mim esse amor tão especial por lá”* (Anônimo, 2021).



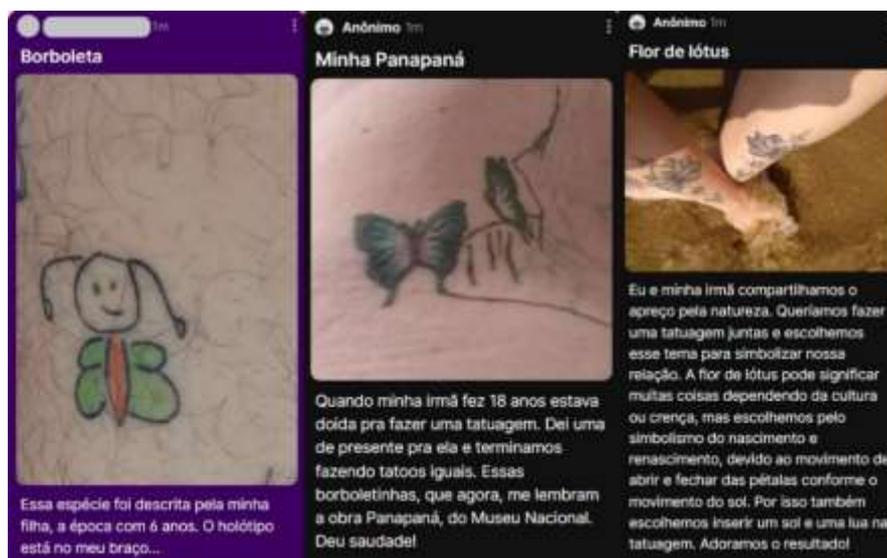
**Figura 4.** Tatuagens e ‘espaçostempos’  
Fonte: Padlet do projeto Mediação Museal Online

Em outras publicações, três praticantes, duas biólogas e um paleontólogo, expressam suas escolhas e intensas relações afetivas pelas/com as espécies tatuadas, vinculando-as a sua formação acadêmica, e nos indicando a intrínseca associação da tatuagem com seus campos de pesquisa, formação/atuação profissional (Figura 5), apesar de dois praticantes também narrarem o fascínio por essas espécies desde a infância.



**Figura 5.** Tatuagens e formação acadêmica  
Fonte: Padlet do projeto Mediação Museal Online

Encontramos semelhanças também nas narrativas de alguns praticantes que nos contam como suas tatuagens estão associadas as suas relações e vínculos familiares, como compartilhado por um pai que registrou em seu braço o desenho da filha e/ou nas narrativas que simbolizam a parceria entre irmãs (Figura 6).



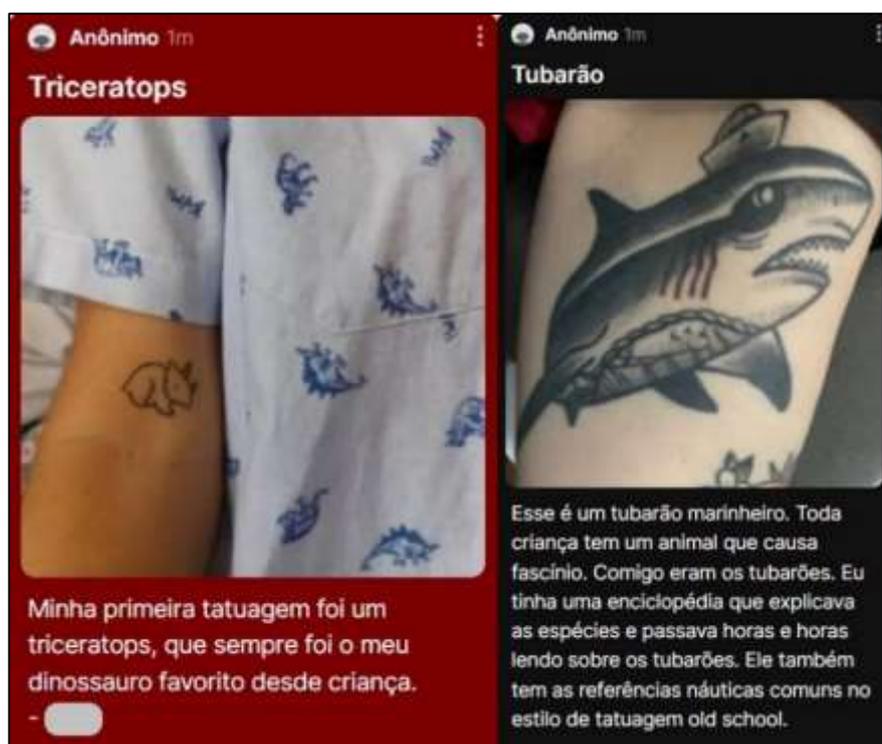
**Figura 6.** Tatuagens e família  
Fonte: Padlet do projeto Mediação Museal Online

Em uma outra publicação no mural essa relação familiar é revelada por meio da escolha de três espécies de flores. A praticante 'DCM' compartilha conosco a seguinte narrativa sobre

sua tatuagem nomeada ‘Flores de cerejeira, lótus e de maracujá’

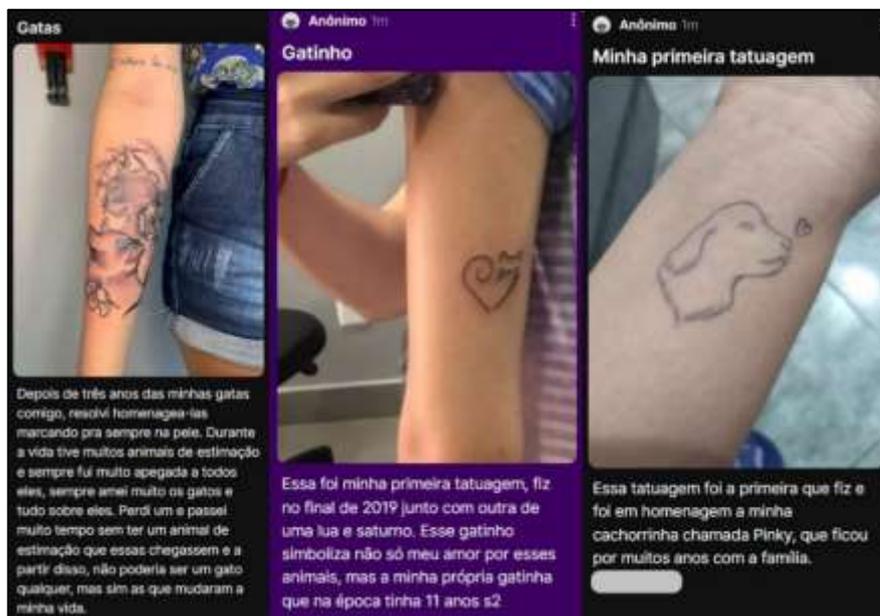
*“Sempre tive muito apreço por plantas, principalmente por meio da relação e aprendizados com a minha mãe sobre uso de ervas medicinais. A flor de maracujá representa minha família materna, baiana, constituída de memórias permeadas pelo Cerrado e Caatinga. Minha mãe costumava chamar eu e minha irmã de "flor de maracujá" quando éramos crianças. A flor de cerejeira representa minha família paterna, descendentes de japoneses. A flor de lótus representa eu enquanto um ser com influências dessas duas culturas e ancestralidades, mas que forma um outro indivíduo, construída por novas experiências e concepções de mundo” (DCM, 2021).*

Registros de memórias da infância também foram marcados nas tatuagens de outras praticantes, que revelaram em suas narrativas o seu fascínio e preferência, desde quando crianças, pelos animais tatuados (Figura 7). Essas, por outro lado, não tecem qualquer relação intrínseca com formação acadêmica e/ou campo de pesquisa/atuação profissional.



**Figura 7.** Memórias de infância marcada nas tatuagens  
Fonte: Padlet do projeto Mediação Museal Online

No mural colaborativo online também foram compartilhadas imagens e narrativas de praticantes que expressaram apreço e afetividade a seus animais de estimação (Figura 8) e a personagens da cultura pop (Figura 9), assim como a características simbólicas vinculadas às espécies animais e vegetais representadas (Figura 10).



**Figura 8.** Tatuagens de animais de estimação

Fonte: Fonte: Padlet do projeto Mediação Museal Online



**Figura 9.** Tatuagens e personagens da cultura pop

Fonte: Padlet do projeto Mediação Museal Online



**Figura 10.** Tatuagens e suas representações simbólicas

Fonte: Padlet do projeto Mediação Museal Online

Essas narrativas e imagens, que fizeram emergir uma multiplicidade de ‘conhecimentossignificações’, sentidos e emoções compartilhados pelos nossos seguidores/visitante online no mural do Padlet, nos inspiraram a criar uma segunda ação educativa museal online para que pudéssemos conversar e assim melhor compreender essa heterogeneidade de referências e representações simbólicas, conceituais e estéticas atribuídos a animais e plantas pelos seres humanos para além dos conhecimentos produzidos pela ciência.

#### ‘Natureza na Pele’ – uma live no YouTube da SAE

A partir dessa perspectiva realizamos em 20 de julho de 2021 (‘Dia do Tatuador’) uma *live*<sup>9</sup> no Youtube da SAE (NATUREZA., 2021), apresentada e mediada pelas duas bolsistas do projeto. Convidamos para essa conversa online e síncrona o ecólogo, mestre em Zoologia e pesquisador na área de Zoologia Cultural Hugo Ribeiro Moleiro e a designer, ilustradora e tatuadora Marcela Badolatto. Destacamos que o nome da tatuadora Marcela havia sido citado no comentário de uma das publicações no mural do Padlet, em resposta a uma pergunta sobre quem havia feito a tatuagem compartilhada. Quando contactada por nós, ela prontamente e gentilmente aceitou fazer parte da ação educativa museal no YouTube (Figura 11). A segunda ação educativa museal online do eixo temático ‘Natureza na Pele’ também foi divulgada nas redes sociais da SAE, chamando a atenção de muitos seguidores.

<sup>9</sup> Lives são transmissões síncronas de conteúdo em forma vídeo online. Esses vídeos se materializam em diversas metodologias. Transmissões de conteúdos individuais e ou coletivos. Muitas vezes, com interação direta em diferentes plataformas e redes sociais ou em convergências com outras interfaces de textos, a exemplo dos chats (salas de bate-papo)” (SANTOS, E., 2020, s.p).



**Figura 11.** Live ‘Natureza na Pele’ no YouTube da SAE

Fonte: YouTube da SAE

Durante a live, Hugo trouxe importantes contribuições sobre os campos da Zoologia Cultural e da Botânica Cultural<sup>10</sup> e narrou acerca dos aspectos históricos, socioculturais e simbólicos associados e atribuídos às tatuagens de animais e plantas. Marcela nos contou sobre sua experiência como tatuadora, relatando as características e especificidades técnicas, estéticas e simbólicas com a quais animais e plantas se presentificam em seu trabalho e nos cotidianos de seus clientes.

Essa ação educativa museal online síncrona contou também com a participação ativa de nossos seguidores/visitantes online que, possibilitados pelo recurso de ‘chat ao vivo’ do YouTube, compartilharam comentários e perguntas simultaneamente à apresentação dos palestrantes. Alguns comentários se tornaram conversas mediadas por nós, como, por exemplo, quando os seguidores/visitantes online da SAE expressaram seu apreço pela arte da tatuagem

*PL – “Não tenho tatuagem, mas amo!!”*

*RSG – “Também não tenho tatuagem, mas amo as de henna que são usadas para cerimônias religiosas e casamentos no Oriente Médio, mas mãos”*

*PL – “RSG, também acho lindas!”*

*SAE Museu Nacional/UFRJ – “Ah, sim, RSG. Você sabe qual o nome é dado a esse tipo de arte?”*

<sup>10</sup> De acordo com o pesquisador, a Zoologia e a Botânica Cultural seriam campos de estudos sobre como as diferentes culturas se apropriam do conhecimento sobre animais e plantas e sobre como os animais e plantas são representados pelas/nas diferentes culturas e nos diferentes aspectos da cultura humana (religião, arte, literatura, mitologia, etc.).

**RSG** – *“PL já fiz uma vez nas mãos na Casa Qatar, na época das Olimpíadas”*

**SAE Museu Nacional/UFRJ** – *“As tatuagens de henna usadas em cerimônias de casamento são nomeadas de Mehndi.”*

**IS** – *“Tema muito interessante!! Não tenho tatuagem, mas adoro! Agora a oportunidade de conhecer um pouco mais...”*

**PL** – *“Eu faria uma temporária também RSG”*

**RSG** – *“Hummm... não sabia SAE... bom saber o nome”*

Algumas significações emergentes no mural do Padlet também apareceram nas conversas na live e nos comentários do ‘chat ao vivo’. As tatuagens de animais e plantas como registros de ‘*espaçostempos*’ diversos (tatuagens localmente referenciadas) são compreendidas por Hugo como registros de experiências marcantes vivenciadas nessas localidades/regiões/ambientes geográficos pelas pessoas que fizeram essas tatuagens, o que pôde ser observado nas narrativas compartilhadas no mural do Padlet. Marcela menciona que a influência da natureza e do meio ambiente na temática dos artistas (não só dos tatuadores) é muito forte, pois como ela nos conta *“a arte é nada mais do que a gente colocar no papel ou na pele aquilo que a gente vê, aquilo que está onde estamos inseridos”*, o que justificaria a forte presença de imagens de animais e plantas locais nos catálogos dos tatuadores. A conversa sobre esse tema levou a seguinte reflexão e comentário da seguidora/visitante online ‘AV’: *“Na geografia trabalhamos muito com territorialidade e relações sociais. É interessante ver como ela pode ser representada na escolha das tatuagens, de seu significados, do referencial local/regional”*, despertando a atenção de ‘AV’ para as potencialidades de pesquisa acadêmica relacionadas ao tema.

As associações entre tatuagens de animais e plantas a vínculos familiares foi tratada por Marcela como uma prática muito comum. Em sua fala sobre esse tema, a artista tatuadora relata

*“Eu gostei quando você mencionou também da questão familiar que a flor de maracujá representa um lado da família. Isso é muito comum e eu acho muito bonito, porque acontece bastante de pessoas representarem a família ou membros da família através de flores. Uma avó que faleceu e a flor dela favorita era tal. Talvez alguns anos atrás a pessoa escreveria o nome dessa pessoa e hoje ela prefere representar essa pessoa como uma flor. Ah, a minha avó gostava...é a flor da minha avó. A pessoa vai olhar e vai saber que aquela flor é a representação da avó falecida”* (NATUREZA..., 2021).

Já sobre a relação tatuagem e formação acadêmica, Hugo chamou a atenção de que muitos biólogos estão seguindo uma tendência em tatuar seus objetos de estudo, como nos revelaram as narrativas e imagens no mural do Padlet, apresentadas anteriormente.

Outra significação atribuída a tatuagens de animais e plantas que não emergiu no mural do Padlet foi discutida na live. A representação de uma identidade nacional foi citada pela seguidora/visitante online 'JMA' que comentou ter tatuado um ramo de guaraná porque esse lhe remete a sua 'brasilidade' e ser sua bebida favorita. Marcela menciona que esta também é uma prática usual e que

*“Tem muitos clientes que querem tatuar coisas referentes ao Brasil....essa identidade nacional sendo representada na pele. A abelhinha que a gente mostrou é um exemplo disso, porque é uma abelha nativa e faz essa diferenciação com outras abelhas que são conhecidas em outros locais” (NATUREZA..., 2021).*

A live 'Natureza na Pele' oportunizou conversas em que múltiplos sentidos e 'conhecimentossignificações' foram compartilhados sobre o tema. Entretanto, como espaços multirreferenciais na cibercultura que forjam “ambiências formativas e de aprendizagens em rede no ciberespaço” (SANTOS, E., FERNANDES, YORK, 2020, s.p) outras temáticas referentes à tatuagem emergiram durante a live nas conversas e/ou comentários e perguntas de nossos seguidores/visitantes online, como exemplificado nas narrativas a seguir.

**RSG** – *“Acho que as tatuagens são discretas no sudeste, na Bahia quando fazem tatuagens fazem num braço INTEIRO, na perna INTEIRA”*

**CM** – *“A tatuagem é uma exteriorização de algo que eu quero dizer.”*

**CM** – *“Tatuagem é de fato uma coisa linda, é como dizer algo sem precisar dizer.”*

**LFS** – *“Tatuei o Naruto e Luffy no braço. Pra não esconder mais as coisas que gosto. Antigamente, as pessoas faziam Bullying em quem gostava de anime.”*

**MM** – *“Muitos tatuam por modinha e não tem um significado próprio para ela, acaba a moda e muitos cobrem depois.”*

**CM** – *“Muitas tatuagens hoje fazem referências à Cultura Pop. Seria uma tendência que nasceu com a Geração Y - Millennials (1980-1995)?”*

**ST** – *“Tem um colega de grupo de pesquisa que tem tatuagem maori, mas não conseguiu tirar uma foto legal para compartilhar no Padlet.”*

**CN** – *“É mais comum ver tatuadores com exemplos em pele branca. Como a área têm pensado os desafios da tattoo em pele negra?”*

**CM** – *“Eu acredito que estamos vivendo uma mudança de paradigma. Os muros estão caindo e a Tattoo está ganhando o status que sempre mereceu. Tattoo hoje é uma comunicação, assim como o cabelo e roupa.”*

**LFS** – *“Não sei se entra muito no assunto, mas vocês acham que existe algum limite de*

*tatuagem? Exemplo, de dificultar a identificação de doenças de pele?”*

Consideramos, portanto, a *live* ‘Natureza na Pele’ como um importante ‘*espaçotempo*’ comunicacional e educativo que pode alcançar diferentes públicos síncrona ou assincronamente, uma vez que

as *lives* podem ser gravadas (record) e disponibilizadas no ciberespaço em diferentes plataformas (KJUS, 2018). A gravação da *live* a transforma em um “artefato curricular” e ou cultural em potência, ou seja, podemos reutilizá-las em nossas aulas, atividades formativas ou para uso privado e autoestudo. (SANTOS, FERNANDES, YORK, 2020, s.p)

Sendo assim, ao disponibilizarmos sua gravação no YouTube, diferentes públicos que acessarem a *live* assincronamente também poderão participar por meio de perguntas e outros tipos de comentários que, se forem mediados, poderão gerar ambiências conversacionais, forjando novas tessituras de experiências e sentidos, ampliando assim o alcance da ação educativa museal online a outros públicos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresentou e narrou duas ações educativas museais online que integraram o eixo temático nomeado ‘Natureza na Pele’. Essas ações, ‘*praticadaspensadas*’ na interface online Padlet e no YouTube (*live*), buscaram criar ambiências conversacionais, colaborativas e autorais a partir das vivências e práticas cotidianas de nossos praticantes, reconhecendo na arte - mais especificamente na tatuagem - uma importante prática cultural na contemporaneidade.

O uso do Padlet e a realização da *live* no YouTube nos mostraram que, para além das redes sociais digitais, outras plataformas/interfaces online podem se apresentar como potenciais ‘*espaçostempos*’ de práticas de Educação Museal Online com nossos públicos ou com aqueles que, por estarem geograficamente dispersos, não poderiam acessar os museus.

As narrativas e imagens compartilhadas fizeram emergir as diferentes memórias, sentidos, emoções e ‘*conhecimentossignificações*’, evidenciando as múltiplas relações que os seres humanos estabelecem com os demais seres vivos e a importância de se resgatar e dar visibilidade às muitas experiências e conhecimentos de nossos praticantes. Reforça também a nossa compreensão de que os ‘*conhecimentossignificações*’ e sentidos são tecidos a partir das vivências e experiências singulares de cada praticante nas/com múltiplas redes educativas que habitam cotidianamente e nas quais circulam diversos tipos de conhecimentos, dentre esses, o científico, que, portanto, não se configura como uma prática isolada das demais práticas sociais e conhecimentos. Os praticantes podem, deste modo, nos oferecer pistas, por meio de suas

narrativas e imagens, sobre seus cotidianos, sobre seus conhecimentos e, mais ainda, sobre como significam suas experiências no/com o museu, o que pode criar oportunidades para se *'fazerpensar'* ações de popularização da ciência no contexto da Educação Museal Online que aproximem de forma dialógica o conhecimento científico *'praticadopensado'* no/com o museu das realidades cotidianas vivenciadas por esses praticantes.

Compreendendo os museus como redes educativas e espaços multirreferenciais de aprendizagem, consideramos que as ações educativas museais *'praticadaspensadas'* em seus diversos *'espacostempos'*, precisam fazer emergir e precisam dialogar com esses múltiplos *'conhecimentossignificações'*, sentidos e emoções, uma vez que “tecemos nossas identidades individuais e sociais a partir das redes formadas por aquilo que aprendemos em todas as instâncias da vida social, de modo dinâmico e permanente” (Oliveira, 2008, p. 14), ou seja, a partir de uma “pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer sua autonomia” (SANTOS, 2007, p. 85).

A temática surgiu como oportunidade de lançar mão de ações de popularização da ciência com os públicos da SAE e, ao possibilitar a emergência de outros/múltiplos *'conhecimentossignificações'*, sentidos, emoções e interpretações simbólicas acerca da relação entre humanos e outros seres vivos, nos afastamos do caráter hegemônico da ciência moderna e do papel centralizador dos museus no que tange à produção e disseminação massiva e unidirecional de conhecimento.

Devemos, portanto, continuar nossa caminhada nos inspirando nos *'saberesfazeres'* da popularização da ciência, da Educação Museal Online e da Educação Museal, uma vez que essas estão fundadas na criação de ambiências conversacionais, colaborativas e coautorais em interatividade, visando à formação crítica e emancipatória dos sujeitos e a transformação social.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Tecer conhecimento em rede. In: ALVES, Nilda e GARCIA, Regina Leite (Orgs.). **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 26-38.

ALVES, Nilda. Sobre o movimento das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda (Orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. Petrópolis: DP&A, 2008.

ALVES, Nilda. **Práticas Pedagógicas em Imagens e Narrativas: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje**. São Paulo: Cortez Editora, 2019.

ALVES, Nilda; ARANTES, Erika; CALDAS, Alessandra Nunes; ROSA, Rebeca Silva; MACHADO, Isabel. Questões curriculares e a possibilidade de sua discussão em cineclubes com professores: a questão religiosa na escola pública. **Visualidades**, v.14, n.1, p. 18-37, jan-jun, 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Rizoma. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, v.1, p.15-32.

GERMANO, Marcelo Gomes; KULESZA, Wojciech Andrzej. Popularização da Ciência: uma revisão conceitual. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 24, n. 1, p 7-25, 2007.

ITAÚ CULTURAL, DATAFOLHA. **Hábitos Culturais II**. São Paulo - SP: Itau Cultural, Datafolha, 2021. Disponível em: <<https://www.publishnews.com.br/estaticos/uploads/2021/07/QmugDvo9i3wJgrAirmRWIAmo7MeckDtUT3dvBD4X4mmG4CBPb70PIPKr8RkDjgdBW5wRGvbmqrQtJSXx.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2022.

JLEIVA CULTURA & ESPORTE. **Cultura nas capitais**. JLeiva Cultura & Esporte, São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://www.culturanascapitais.com.br/>>. Acesso em: 31 jan.2022

LEIVA, João; MEIRELLES, Ricardo. **Cultura nas Capitais: como 33 milhões de brasileiros consomem diversão e arte**, Rio de Janeiro: 17 Street Produção Editorial, 2018.

COSTA, Andréa. Educação Museal e Cibercultura. In: CASTRO, Fernanda; SOARES, Ozias e COSTA, Andréa (org). **Educação Museal: conceitos, história e políticas**, vol. V. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2020. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=mhn&pagfis=75932>>.

MARTI, Frieda Maria. **A Educação Museal Online: uma ciberpesquisa-formação na/com a seção de assistência ao ensino (SAE) do Museu Nacional-UFRJ**. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação, 2021, 298f.

MARTI, Frieda Maria; COSTA, Andréa. **Revisitando os Museus na Pandemia: sobre Educação Museal Online e Cibercultura**. Notícias, Revista Docência e Cibercultura, maio de 2020, online. ISSN: 2594-9004. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1107>>. Acesso em: 05 jan. 2022.

MARTI, Frieda Maria; SANTOS, Edméa Oliveira dos. **EDUCAÇÃO MUSEAL ONLINE: A EDUCAÇÃO MUSEAL NA/COM A CIBERCULTURA**. **Revista Docência e Cibercultura**, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 41-66, set. 2019. ISSN 2594-9004. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/44589>>. Acesso em: 05 jan. 2022. doi:<https://doi.org/10.12957/redoc.2019.44589>.

MONTSERRAT, Victor J. Sobre los Artrópodos em el Tatuaje. **Boletín de la Sociedad Entomológica Aragonesa (S.E.A.)**, n. 47, p. 4777-494, 2010.

**NATUREZA na pele**: Seção de Assistência ao Ensino, 20 jul 2022. 1 vídeo (1h16min). [Live]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QG1WhsBDjo0> Acesso em: 8 fev. 2022. Participação de Hugo Moleiro, Marcela Badolatto, Fernanda Monteiro e Carolina Braga.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Boaventura & a Educação**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estudos CEBRAP**, p. 71-94, 2007.

SANTOS, Edméa. Educação online para além da EAD: um fenômeno da cibercultura. In: SILVA, Marco; PESCE, Lucila; ZUIN, Antônio (orgs). **Educação online: cenário, formação e questões didático-metodológicas**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2010.

SANTOS, Edméa. A Cibercultura e a Educação em tempos de mobilidade e redes sociais: conversando com os cotidianos. In: FONTOURA, Helena Amaral da; SILVA, Marco. (Orgs.) **Práticas Pedagógicas, Linguagem e Mídias: desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões**. Rio de Janeiro: ANPEd Nacional, 2011. Disponível em: <<http://www.fe.ufrj.br/anpedinha2011/livro1.html>>. Acesso em: 05 jan. 2022.

SANTOS, Edméa; FERNANDES, Teresinha; e YORK, Sara Wagner. **Ciberfeminismo em tempos de pandemia Covid-19: lives (trans)feministas**. Notícias, Revista Docência e Cibercultura, agosto de 2020, online. ISSN: 2594-9004. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1123>>. Acesso em: 05 jan 2022.

SANTOS, Edméa. **Formação de professores e pesquisadores no contexto de pandemia: possibilidades e limites**. Webconferência, 23.09.2020. FEUFF. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hdR3PED0kAY>>. Acesso em: 05 jan 2022.

WE ARE SOCIAL. **Global Digital Report 2019**. Disponível em: <<https://wearesocial.com/blog/2019/01/digital-2019-global-internet-use-accelerates>>. Acesso em: 05 jan. 2022.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.